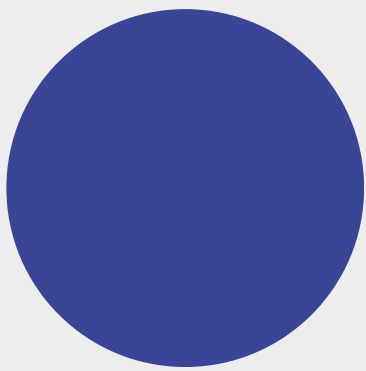
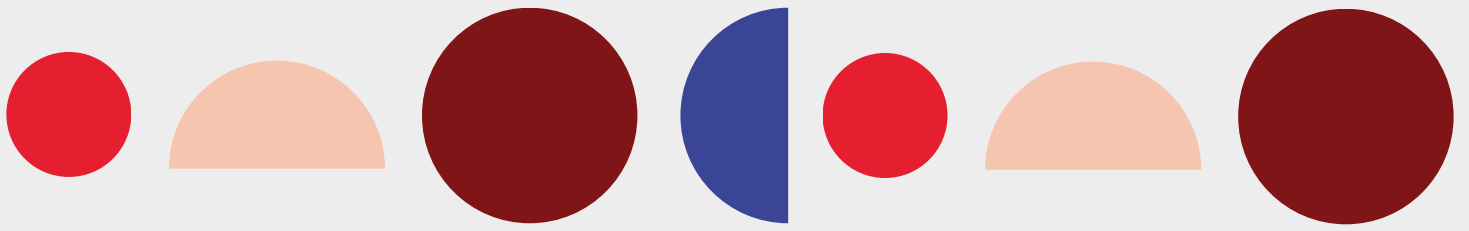




Diagnóstico do **Artesanato** de João Monlevade



EQUIPE TERRITÓRIOS CRIATIVOS

Ana Soares, Isabel Cristina, Laiene Souza, Luís Flores,
Manu Lima, Túlio Nobre, Viviane Ferreira.

DIAGNÓSTICO

CONCEPÇÃO E CONDUÇÃO

Manu Lima

PESQUISA, ARGUMENTAÇÃO E REVISÃO

Ana Soares

Luís Flores

Manu Lima

Viviane Ferreira

PROJETO GRÁFICO

Ana Soares

Manu Lima

Este diagnóstico foi produzido no âmbito do “Territórios Criativos: programa de fomento e fortalecimento de grupos e empreendimentos culturais” (LEIC:CA:2024.3810.0106), projeto viabilizado com patrocínio da Fundação ArcelorMittal, por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais, executado com apoio da AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs, e realizado pela Sabic - Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias.

Agosto 2026

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
Territórios Criativos	4
Diagnóstico do Artesanato de João Monlevade	6
Ferramentas	7
1. TERRITÓRIO E MEMÓRIA	13
Conhecendo João Monevade	13
Imagens da cidade	15
2. COMUNIDADE	18
3. DESAFIOS E POTENCIALIDADES	27
Continuidade, articulação e transmissão de saberes	28
Sustentabilidade e organização	30
Qualificação e valorização do fazer artesanal	32
Comunicação, circulação e comercialização	33
Identidade e inovação	34
4. A LINGUAGEM ARTESANAL	36
5. CAMINHOS E SABERES	39
Ciclo formativo	39
AGRADECIMENTOS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42



Apresentação

Territórios Criativos

O que o artesanato pode contar sobre a cultura do território? E como ele pode transformar os saberes e fazeres em novas possibilidades?

Uma peça de artesanato em seu estado final carrega consigo toda a cadeia produtiva que a tornou possível, desde as referências e memórias do território até os gestos manuais do artesão, passando pelo domínio da técnica, pela escolha dos materiais e pelo processo de invenção artística. Esses elementos, juntos, contam uma história coletiva, composta por saberes e desejos que atravessam as gerações, unificando passado, presente e futuro.

O artesanato é um elemento fundamental para a identidade e a organização territorial de um povo. Constituído por conhecimentos, recursos e referências diversas, próprias de cada lugar, ele traz as marcas históricas da comunidade, ao mesmo tempo em que amplia suas possibilidades de desenvolvimento. Esse movimento contínuo entre tradição e invenção, com saberes que se renovam e materiais que ganham outros usos, impulsiona os circuitos de cultura, trabalho e renda, fortalecendo as perspectivas de uma **economia criativa e circular**.

ECONOMIA CRIATIVA

Campo de atividades econômicas que tem na criatividade, no conhecimento, na cultura e na inovação alguns de seus principais recursos, articulando a dimensão simbólica e cultural à criação, produção e circulação de bens e serviços e à geração de trabalho e renda. Inclui diferentes segmentos, entre eles o artesanato, a gastronomia, o design e a moda. Fonte: [Ministério da Cultura - Secretaria da Economia Criativa](#) | [Ministério da Cultura - Notícias](#)

Modelo econômico que busca manter produtos, materiais e recursos em circulação pelo maior tempo possível, reduzindo a geração de resíduos e preservando ou recuperando seu valor por meio de novos ciclos de uso e produção. Entre seus princípios estão a não geração de resíduos, a circulação de produtos e materiais e a regeneração da natureza. Fonte: [Estratégia Nacional de Economia Circular \(ENEC\)](#).

ECONOMIA CIRCULAR

“Uma vez que é feita por mãos humanas, a peça de artesanato preserva as impressões digitais – reais ou metafóricas – do artesão que a criou” - Octávio Paz

Essas são algumas das questões que orientam o *Territórios Criativos*, projeto de fomento ao artesanato e ao empreendedorismo criativo e comunitário em João Monlevade, do qual este diagnóstico faz parte. A iniciativa busca reconhecer e fortalecer as potências existentes no território, articulando seus saberes, recursos e referências culturais a novas perspectivas de criação, organização coletiva, trabalho e geração de renda.

O diagnóstico constitui a primeira etapa desse percurso. Por meio dele, buscamos conhecer o cenário da produção artesanal existente, compreender seus desafios e potencialidades, e investigar quais linguagens, materiais e referências poderiam estabelecer relações significativas com a identidade e a memória da cidade. É nessa escuta do território que os próximos passos do projeto se baseiam, incluindo um ciclo formativo, composto por atividades teóricas, práticas e colaborativas, que articulará formação técnica em artesanato, empreendedorismo e comunicação.

Fig. 1: Encontro de Escuta Ampliada (João Monlevade)





Diagnóstico do Artesanato de João Monlevade

O **Diagnóstico do Artesanato de João Monlevade** foi realizado a partir de uma abordagem exploratória e participativa, combinando mapeamento, escuta ativa e diálogo com iniciativas e agentes ligados à **cultura, ao artesanato, à economia solidária e à reciclagem**. Entre julho e agosto de 2026, buscamos compreender potencialidades e desafios da produção artesanal pesquisada, bem como referências culturais e territoriais capazes de orientar os próximos passos do projeto.

Como ponto de partida, realizamos um levantamento de grupos, iniciativas, instituições e pessoas de referência no município, reunindo pesquisas da equipe, experiências anteriores no território e indicações de agentes e entidades locais, entre eles a Secretaria Municipal de Cultura. Esse primeiro mapeamento ajudou a reconhecer a diversidade de atuações existentes e a orientar os caminhos das etapas seguintes de investigação e escuta.

A jornada seguiu com visitas ao território e o reconhecimento de eventos, iniciativas e locais de destaque, como a *Fundação Casa de Cultura*, a *Feira da Economia Popular Solidária*, a *Igreja de São José Operário*, o *CRAS*, o *Espaço Bem Viver* e a *Atlimarjom - Associação dos Trabalhadores de Limpeza e Matérias Recicláveis de João Monlevade*. Nesses espaços, encontramos pessoas dispostas a dividir conosco suas perspectivas sobre a vida cultural e econômica da cidade. Partilhamos memórias, histórias, anseios e sonhos, em momentos de troca que nos permitiram conhecer diferentes olhares sobre o município.

Para reunir e sistematizar esses conhecimentos, utilizamos métodos e ferramentas variados: aplicação de **formulários socioeconômicos**, realização de **entrevistas em profundidade** e organização de um **encontro de escuta ampliada**, além de uma breve **pesquisa sobre a história e a formação** de João Monlevade. A pluralidade das narrativas e informações reunidas ao longo do percurso evidencia a complexidade e a singularidade do território, revelando diversas formas de viver, expressar e rememorar a cidade. Ao mesmo tempo, encontramos fios comuns que atravessam os modos de saber e produzir, aproximando experiências e moldando a identidade e o patrimônio cultural do local.

O diagnóstico apresenta, assim, um retrato construído a muitas mãos e oferece elementos para compreender o cenário atual e orientar os próximos caminhos do *Territórios Criativos*.



Ferramentas

Formulário Socioeconômico

O formulário socioeconômico é um questionário composto por perguntas de múltipla escolha e perguntas abertas, que permite a coleta de informações quantitativas e qualitativas sobre o perfil das pessoas participantes. Para o presente diagnóstico, foram investigadas as formas de trabalho, moradia, produção, consumo, interesses de formação profissional, além de dados demográficos como gênero, raça/cor, idade e escolaridade. Foram aplicados dois formulários, com diferentes níveis de complexidade e aprofundamento: um questionário detalhado direcionado às pessoas artesãs, que contou com 31 respostas e um questionário breve destinado ao público da feira, aplicado a 10 pessoas, com o objetivo de obter uma percepção inicial sobre a relação deste público consumidor com o artesanato e a identidade da cidade.

Entrevistas em Profundidade

A entrevista em profundidade é uma ferramenta de diálogo e escuta que permite compreender, de forma detalhada, as experiências e percepções das pessoas participantes. No diagnóstico foram realizadas entrevistas no formato semiestruturado, a partir de um roteiro de perguntas orientadoras, com abertura para que as participante desenvolvessem livremente as temáticas abordadas. A entrevista foi aplicada em 4 mulheres, com atuação local em diferentes frentes da cultura, artesanato, economia solidária e reciclagem. A metodologia teve como objetivo reunir dados qualitativos, a partir de perguntas sobre os saberes, a memória, o patrimônio e as relações territoriais, que possibilitaram o aprofundamento da investigação.

Breve Pesquisa Histórica

Como complemento às demais ferramentas foi realizada breve pesquisa sobre a história e formação de João Monlevade, a partir de livros, artigos acadêmicos e fontes institucionais, incluindo publicações da Prefeitura Municipal. A pesquisa contribuiu para a elaboração e construção das ferramentas de pesquisa e escuta, bem como para a contextualização e análise das narrativas reunidas ao longo do diagnóstico.

Encontro de Escuta Ampliada

O encontro de escuta ampliada foi uma reunião realizada na Casa de Cultura, entre a equipe do Territórios Criativos e agentes com atuação local em frentes da cultura, moda, artesanato, economia solidária e reciclagem. Participaram do encontro 25 pessoas. Neste encontro inicial, além da apresentação do projeto, foram realizadas duas dinâmicas colaborativas: O **World Café** e um **Mapa Criativo** do território.

World Café



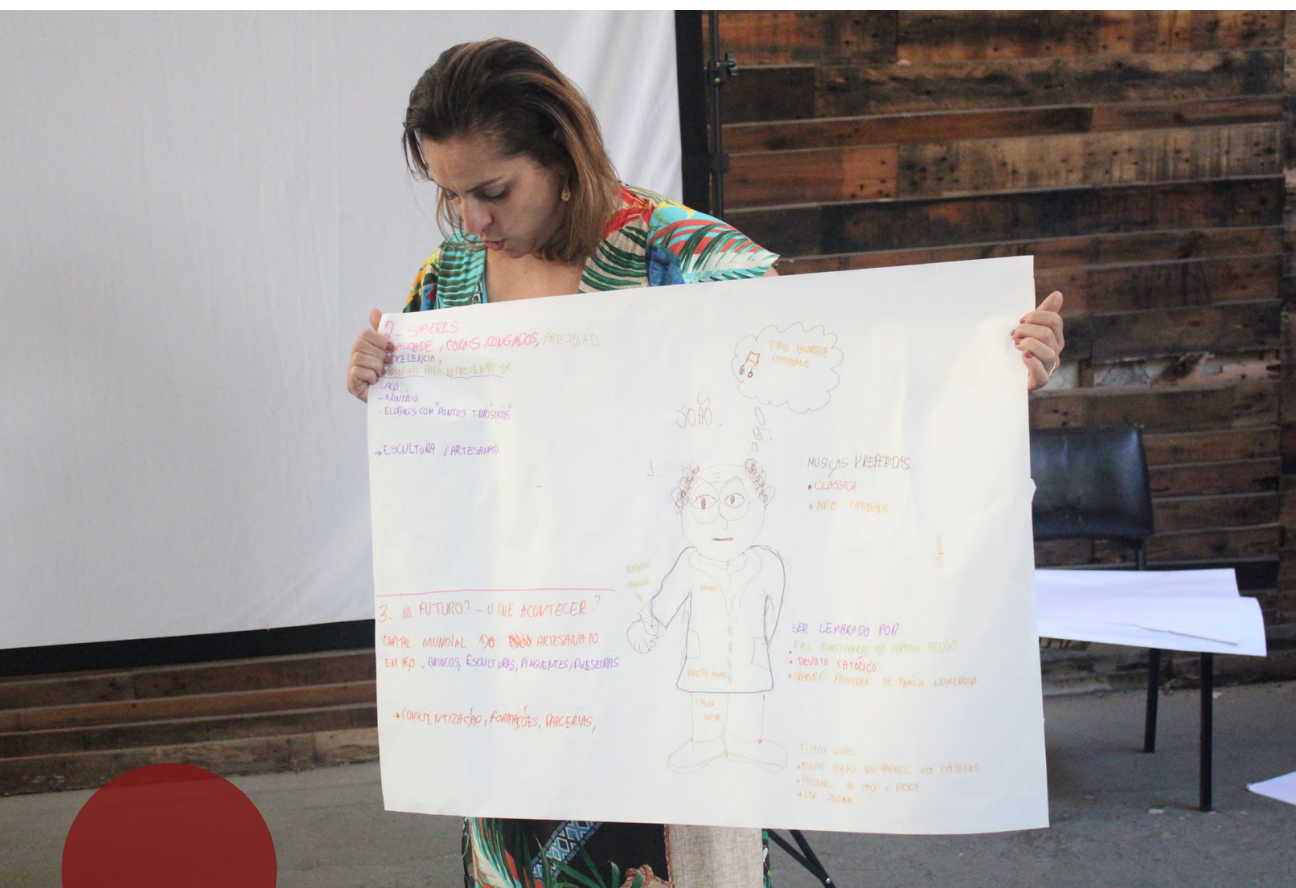
O **World Café** é uma ferramenta utilizada para ampliar e aprofundar conversas em grupo, acerca de temáticas específicas (Figuras 2 a 4). A dinâmica é organizada em pequenos grupos, que debatem a partir de perguntas orientadoras e circulam entre si, alternando a cada rodada. Os diálogos são registrados visualmente, por meio de escrita e desenhos que são elaborados por cada grupo e retomadas a cada nova rodada, permitindo que diferentes perspectivas se encontrem e se desdobrem ao longo do processo. No encontro realizado, foram executadas 3 rodadas de conversa orientadas por perguntas relativas à identidade e ao território, aos saberes e às produções locais, ao fortalecimento e ao futuro do artesanato e da cultura de João Monlevade. Ao final, foi realizado um momento coletivo de partilha entre todos os participantes, no qual foram compartilhadas as experiências individuais e coletivas que emergiram ao longo do processo.

Fig. 2: World Café - Encontro de Escuta Ampliada





Fig. 3 e 4: World Café - Encontro de Escuta Ampliada



Mapa Criativo



O **Mapa Criativo** é uma ferramenta de mapeamento colaborativo, que facilita a visualização e classificação dos diversos elementos que compõem um território (Figuras 5 a 8). Em um grande mapa de João Monlevade, desenhado em tecido, os participantes foram convidados a localizar e identificar os espaços de moradia, trabalho, lazer, fruição, comercialização, grupos culturais, entre outras referências consideradas importantes para o cotidiano e a identidade da cidade. A dinâmica possibilita observar como estes elementos se distribuem e relacionam no território, além de identificar referências que nem sempre estão presentes nas representações convencionais do território.

Fig. 5: Mapa Criativo de João Monlevade

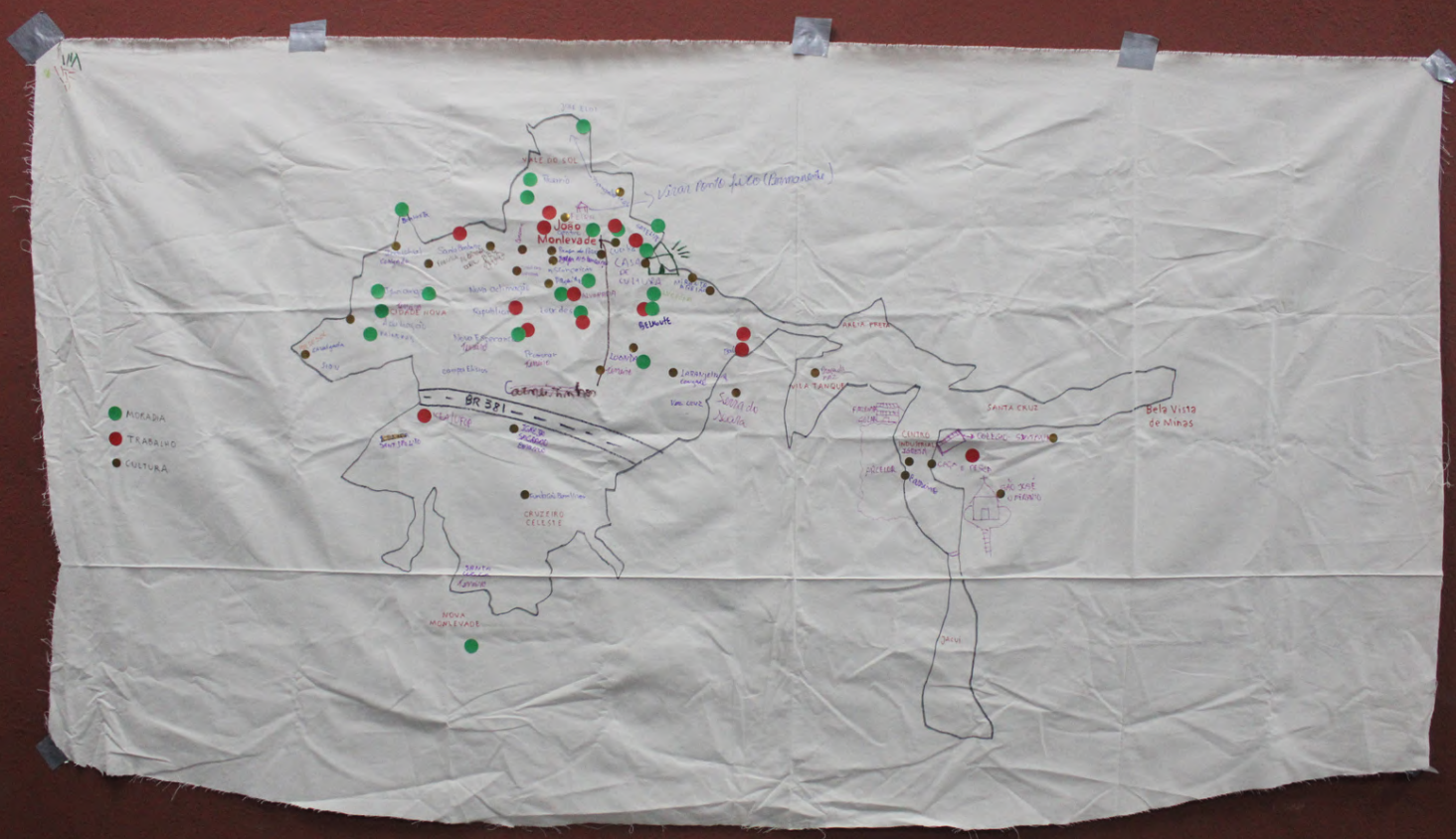




Fig. 6 e 7: Construção do Mapa Criativo de João Monlevade





Território e Memória

“O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi.” - Milton Santos

Conhecendo João Monlevade

Um território é uma estrutura que está sempre em movimento. Ele se transforma, dia após dia, pelas mãos de quem trabalha, cria, constrói e vive nele, ao mesmo tempo em que guarda as marcas dessas experiências. Como nos ensina Milton Santos, o território é a base da nossa existência. É o espaço vivido e usado pela comunidade, suas histórias podem ser encontradas nas paisagens, nos modos de ser, nas formas de trabalhar e nas memórias tecidas ao longo do tempo.

Ouvimos, com frequência, em nossas interações com as pessoas da cidade, que João Monlevade nasceu com a usina. A força dessa afirmação despertou nossa curiosidade: que história existe por trás dela? Como a siderurgia se tornou uma referência tão importante? E o que esse vínculo pode nos mostrar sobre as memórias e as identidades que constituem o território?

Foi seguindo essas perguntas que voltamos um pouco no tempo. No início do século XIX, o ferro já começava a marcar a história do Médio Piracicaba, e a riqueza mineral da região chamou a atenção do engenheiro francês Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade, o Jean Monlevade. Tendo chegado ao Brasil em 1817, ele se estabeleceu, alguns anos depois, às margens do Rio Piracicaba. Ali, encontrou condições favoráveis à produção do ferro, como jazidas minerais, água e extensas áreas de mata, então utilizadas para a produção de carvão, e instalou uma das experiências siderúrgicas mais importantes daquele período.

Essa história, porém, foi construída a muitas mãos, e continua a ser. Entre elas, estão as de povos indígenas, descendentes de africanos e comunidades afro-brasileiras, que também deixaram os seus saberes e as suas marcas no território. A própria história do ferro manifesta as suas presenças, seja pelos conhecimentos técnicos de metalurgia trazidos por populações negras ou pelo trabalho dessas populações nas primeiras estruturas de produção do local. Suas figuras nos recordam que a história do território e seus modos de produzir não se limitam à trajetória da indústria. Reencontrar essas mãos, portanto, e colocá-las em movimento pelo fazer artesanal, nos permite ampliar as histórias e as memórias que compõem a cidade.

Cerca de um século depois das atividades pioneiras de Jean Monlevade, a relação da cidade com o ferro ganharia outra dimensão. Com a instalação e a expansão da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, dos anos 1930 aos 1960, a atividade siderúrgica passou a transformar não apenas a economia, mas também o desenho e o cotidiano da cidade. Ao redor da indústria, cresceram ruas, serviços, equipamentos e que compunham uma vila operária.

Vale nos determos um pouco nessa imagem. Antes de se tornar município, João Monlevade foi um território que cresceu e se organizou em torno do trabalho e da vida de operários da siderurgia. Nas casas da vila, moravam os trabalhadores e suas famílias, pessoas que chegaram de diferentes lugares, criaram filhos, construíram vizinhanças, estabeleceram relações de solidariedade, celebraram festas e alimentaram projetos de futuro. Essa proximidade entre trabalho, moradia e vida comunitária, que marcou a formação da cidade, ainda encontra ecos nas formas como o território é vivido e produzido no presente.

“Quando eu vejo cultura, penso que cultura é o que o povo faz, são os hábitos do povo daquele lugar. Nós precisamos tomar consciência do próprio valor que temos, do nosso território, do que pertence a ele. Precisamos trazer as pessoas para o protagonismo dessa história, desse viver e fazer cultural.”

MÁRCIA DOS ANJOS , ATELIÊ MÁRCIA DOS ANJOS



Imagens da cidade

Se a história revela as muitas mãos que ajudaram a formar João Monlevade, nossa escuta procurou reconhecer aquelas que continuam a produzir e reinventar esse território no presente. Foi justamente essa multiplicidade que pudemos encontrar no tempo presente, durante a encontro de escuta ampliada realizada na Casa de Cultura de João Monlevade, em uma tarde de sábado de agosto de 2026.

Em um mapa criativo, construído coletivamente com as participantes do encontro, foram identificados elementos que ajudam a retratar a comunidade, de que maneira ela vive e como dá sentido a si mesma. Nesse mapeamento, a cultura, a religiosidade, o lazer, o trabalho, a memória e a natureza aparecem lado a lado, e muitas vezes se encontram nos mesmos espaços. Entre as referências levantadas, estão:

- A Guarda de Congado de Laranjeiras e a Guarda de Marujo Nossa Senhora do Rosário, ambas com décadas de existência;
- Grupos musicais tradicionais, como o Coral da Família Alcântara;
- Terreiros e outros territórios sagrados;
- Equipamentos e espaços públicos de cultura, patrimônio e lazer como a Casa de Cultura, Casa Bem Viver, Igreja São José Operário e a Praça do Povo;
- Eventos e atividades regulares, como a Feira Solidariarte e a Cavalgada de João Monlevade;
- Espaços de turismo ecológico, como o Mirante Serra do Seara;
- Espaços de trabalho e moradia, muitas vezes sobrepostos.



Analisando os dados do formulário socioeconômico — apresentado em profundidade no próximo tópico —, percebemos que as pessoas artesãs participantes vivem em mais de vinte bairros e localidades de João Monlevade, e a grande maioria realiza ao menos parte de sua produção artesanal dentro de casa. O fazer artesanal de João Monlevade, portanto, se distribui pela cidade, e se mistura à vida cotidiana, aproximando moradia, trabalho, relações familiares e criação.

Se o mapa permitiu visualizar onde essa diversidade se manifesta, no território, outro exercício nos ajudou a apreender de que maneira os participantes percebem e imaginam a cidade. Em uma dinâmica colaborativa de personificação da cidade, João Monlevade ganhou diferentes rostos e contornos. Foi imaginada como uma mulher negra ou como um ex-funcionário da siderurgia. Alguém simples, acolhedor e culturalmente eclético, que gosta de uma boa prosa, de ir ao cinema, jogar xadrez no antigo cassino, escutar MPB e passear com a família pela feira de artesanato (Figura 9).

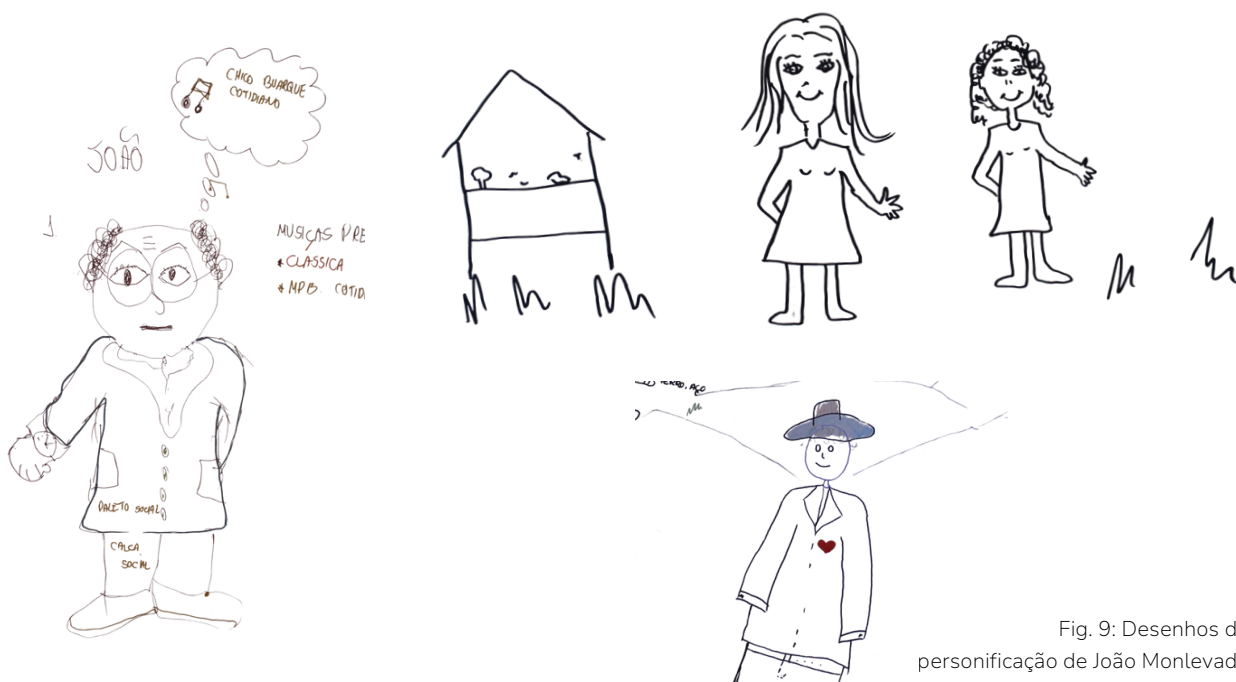


Fig. 9: Desenhos da personificação de João Monlevade

Essas imagens reúnem, de maneira afetiva, características que apareceram também em momentos precedentes de escuta. A personificação de Monlevade evidencia, de um lado, a influência da siderurgia nas trajetórias e nos fluxos cotidianos da cidade e, de outro, a importância das mulheres na vida comunitária e cultural do município, expressando modos diversos de se estar no território. A presença feminina reflete também o universo pesquisado (Figuras 10 e 11), formado majoritariamente por mulheres, com forte atuação daquelas que se autodeclaram pardas ou pretas.

É interessante observar, a partir dessas narrativas, que, em uma cidade forjada na esteira do progresso, perdurem ainda dinâmicas de convivência associadas à esfera interiorana, como o apreço pelos vínculos comunitários, o desejo de usufruir e preservar os patrimônios e espaços comuns e a valorização da tranquilidade, da hospitalidade e da simplicidade como traços da vida local. Tais dimensões, contudo, não existem de forma isolada, mas se entrelaçam na maneira como as pessoas experimentam e constroem o território. A presença da indústria do aço, as trajetórias dos moradores, as histórias de seus antepassados, as memórias coletivas e os vínculos sociais ajudam a desvelar as múltiplas camadas de João Monlevade. É nesse entrelaçamento, somado à pluralidade de olhares e vozes do território, que buscamos compreender as suas dinâmicas específicas e o seus possíveis sentidos no presente.



Fig. 10 e 11: Encontro de Escuta Ampliada



Comunidade

Para conhecer mais de perto as práticas artesanais de João Monlevade, voltamos nossa atenção para as pessoas que os produzem, suas histórias, experiências e anseios. Desejávamos, assim, traçar o perfil das pessoas participantes do diagnóstico, combinando as informações do formulário socioeconômico aos relatos e às percepções reunidas nas demais etapas de pesquisa.

Com o apoio da Associação Solidariarte, o formulário foi respondido por **31 pessoas artesãs**, quase todas **mulheres (93,5%)**, sendo a maioria na faixa etária entre **40 e 69 anos**, e com forte presença de mulheres autodeclaradas **pardas ou pretas (83,9%)**. Os gráficos abaixo sintetizam o perfil das pessoas respondentes.

GRÁFICO 1
Identidade de gênero

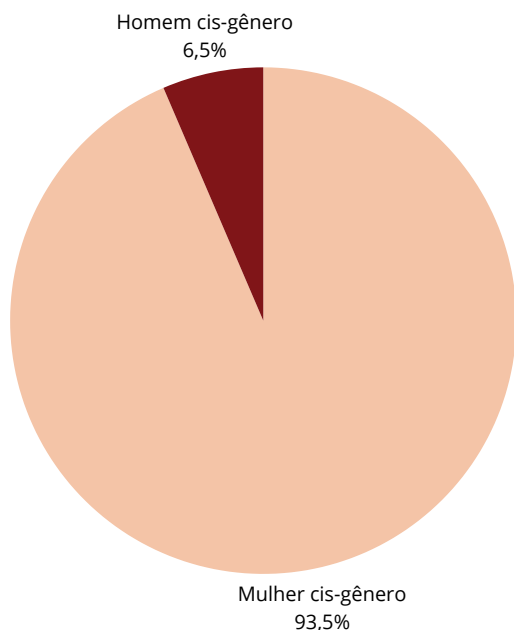
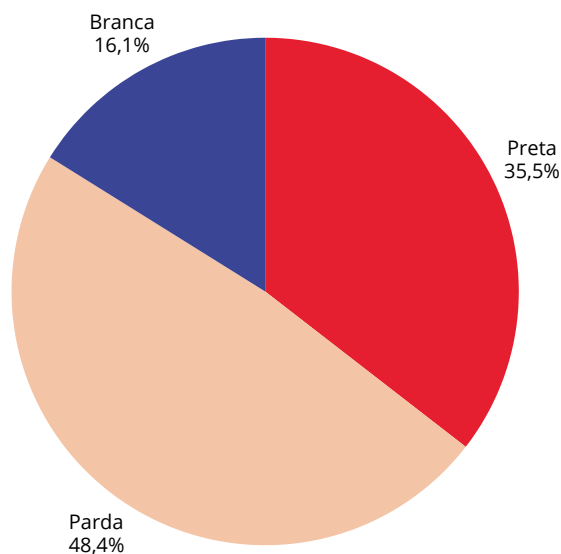


GRÁFICO 2
Identidade étnico-racial



Solidariarte é a Associação dos Artesãos e Produtores de Alimentos Caseiros de João Monlevade e Região, e representa a luta de agentes locais que produzem há mais de 25 anos na cidade de João Monlevade. Contato: solidariarte1@outlook.com.br | 31987389763 | Instagram: [@solidariarte.jm](https://www.instagram.com/solidariarte.jm)

GRÁFICO 3
Idade

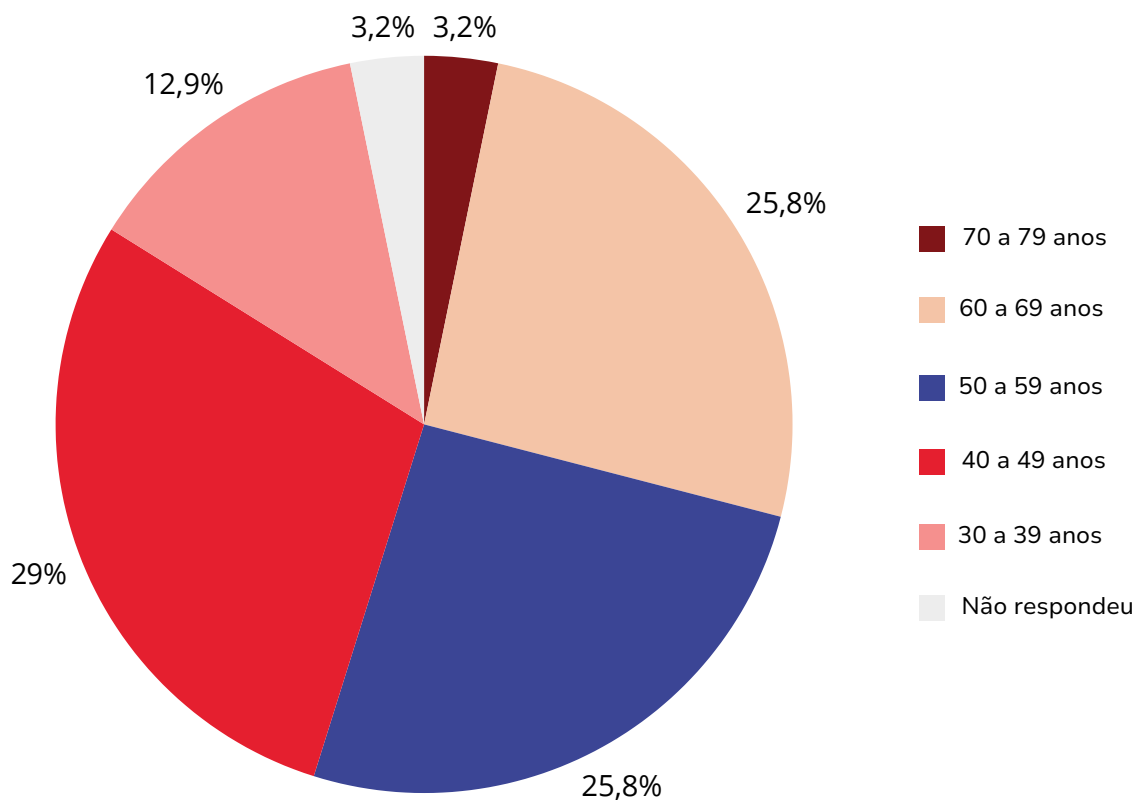
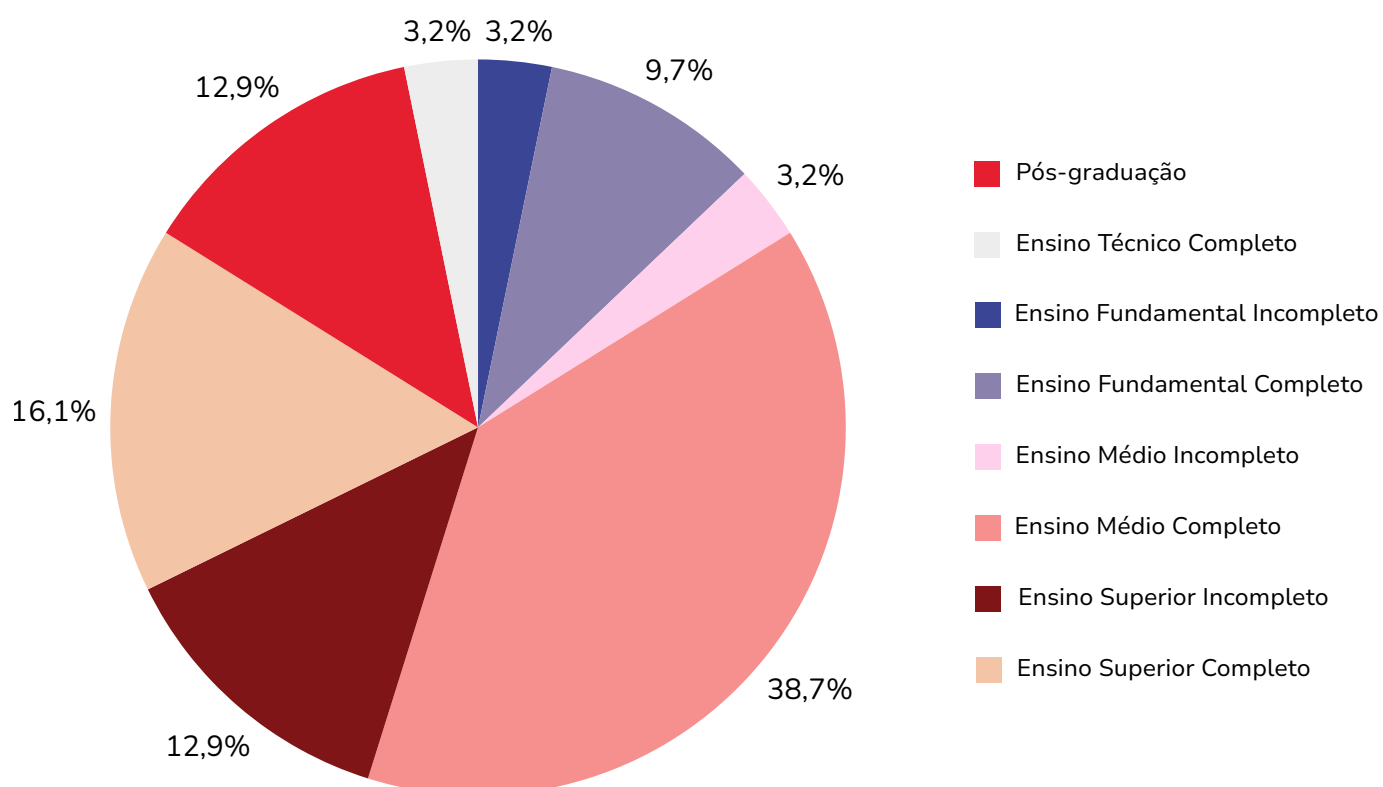


GRÁFICO 4
Nível de escolaridade



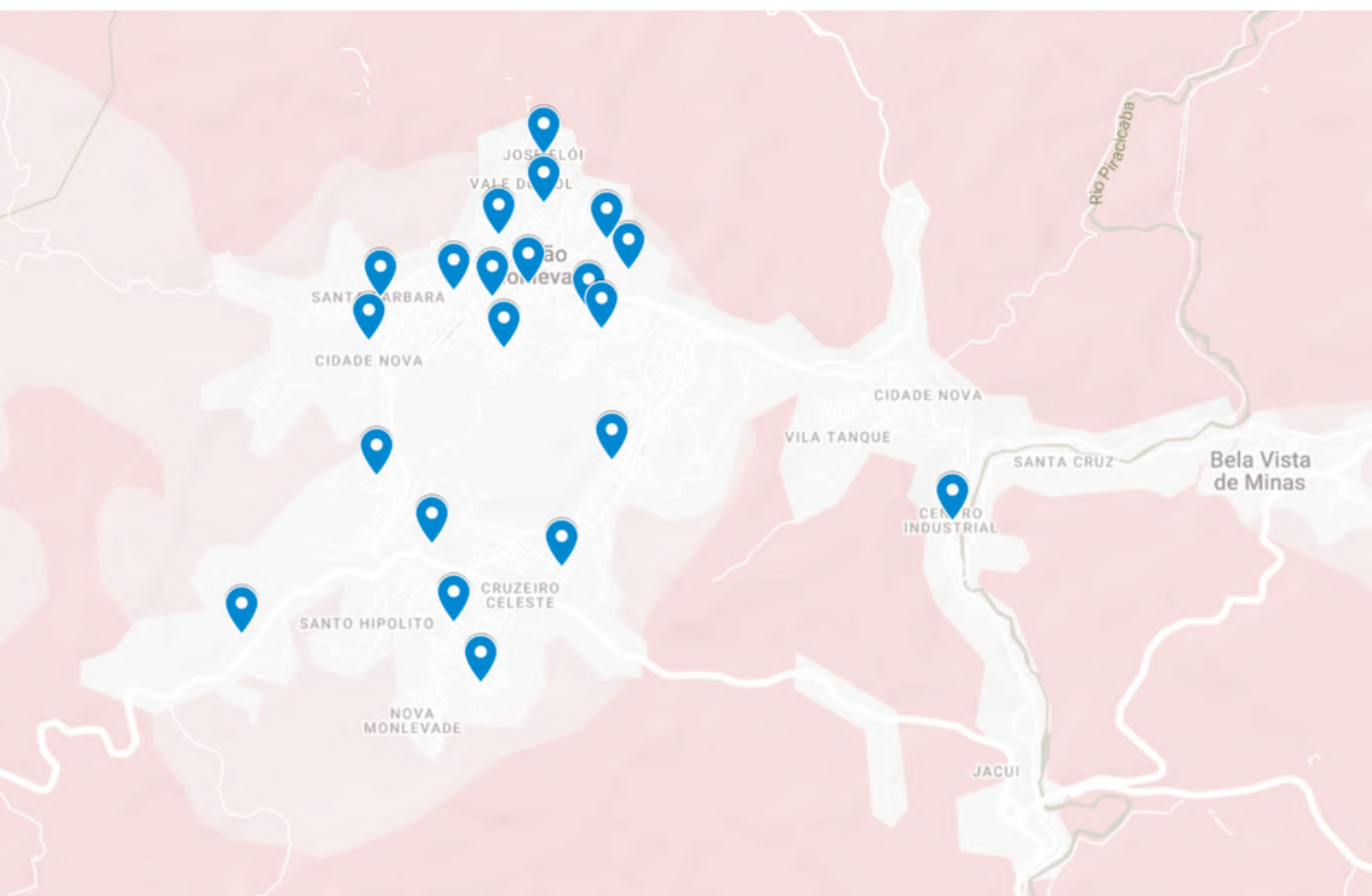


Fig 12. Local de moradia das pessoas respondentes do formulário

As respondentes estão distribuídas por mais de vinte bairros e localidades de João Monlevade (Figura 12), revelando uma produção artesanal distribuída pelo território. Essa distribuição geográfica se sobrepõe a outra característica relevante, que aparecia no questionário e que foi reforçada na construção do mapa criativo: **87,1%** das participantes realizam sua produção em casa, revelando uma forte proximidade entre espaço de trabalho e vida cotidiana. Além disso, a produção é predominantemente autônoma, sendo que **67,7%** afirmam produzir individualmente, enquanto **45,1%** trabalham junto à família, e apenas uma pequena parcela menciona processos de produção em grupo¹

Tais dados revelam uma forte proximidade entre o fazer artesanal e a vida cotidiana, uma vez que, para grande parte das participantes, casa, trabalho e produção não constituem espaços inteiramente separados, mas dimensões que se encontram e se atravessam. Ao mesmo tempo, como veremos a seguir, esse fazer predominantemente doméstico e individual encontra nos espaços coletivos, como a Associação Solidariarte e sua feira, importantes possibilidades de organização, circulação e encontro.

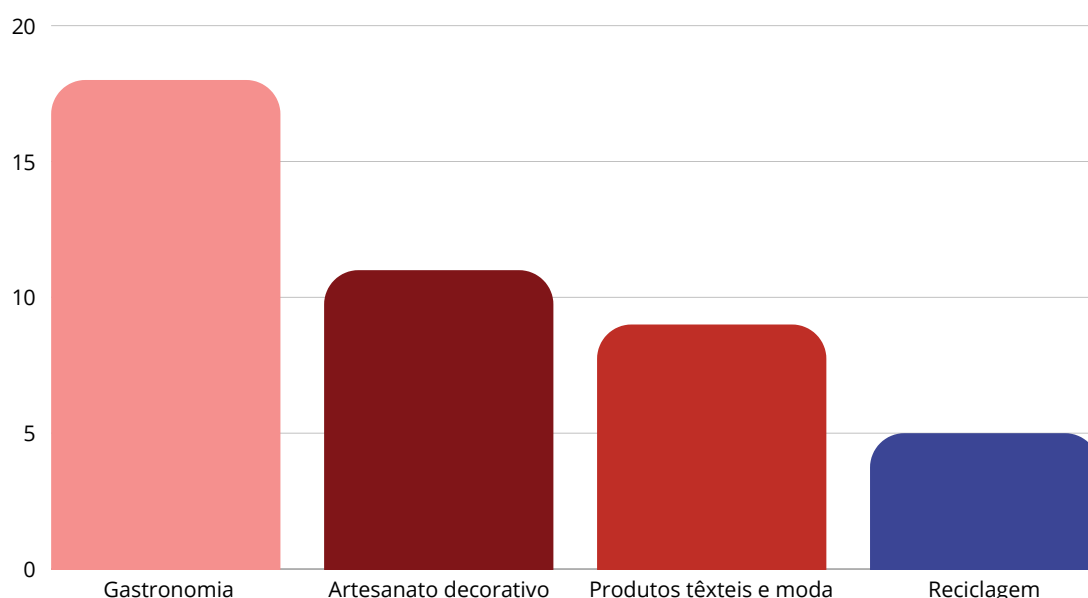
¹ Uma vez que as respondentes podiam escolher mais de uma opção, a soma dos percentuais ultrapassa 100%. O mesmo acontece em outros momentos do diagnóstico.

A produção artesanal da cidade é diversa, reunindo diferentes práticas identificadas pelo diagnóstico. Atualmente, a gastronomia se destaca como uma das principais fontes de renda das artesãs, presente em **58%** das produções, sendo seguida pelo artesanato decorativo (**35,4%**), pelos produtos têxteis e da moda (**29%**), e reciclagem (**16,1%**). Mais do que uma técnica predominante ou uma identidade fixada, encontramos um conjunto heterogêneo de conhecimentos, materiais e práticas criativas.

GRÁFICO 5

Principais linguagens e técnicas artesanais utilizadas*

A questão permitia a seleção de mais de uma alternativa. Por isso, o número total de respostas não corresponde necessariamente ao número de participantes.



* Outras linguagens artesanais foram identificadas na pesquisa, mas, por apresentarem menos de cinco respostas, não foram destacadas no gráfico.

Essa diversidade, entretanto, nem sempre se traduz na variedade dos produtos disponíveis para comercialização. Durante a visita à Feira da Economia Popular Solidária, observamos a recorrência de determinadas tipologias de produtos. Esse aspecto aponta para a oportunidade de ampliar e diversificar a oferta, a partir do repertório de saberes e técnicas já existentes entre as participantes.

Para a maior parte das pessoas ouvidas **(64,5%)**, a produção artesanal ainda não se consolidou como principal fonte de renda. Entre as dificuldades mais mencionadas estão a **comercialização** dos produtos, a **divulgação** contínua e efetiva, a **valorização** do artesanato local e o acesso a **matérias-primas** a preços acessíveis.

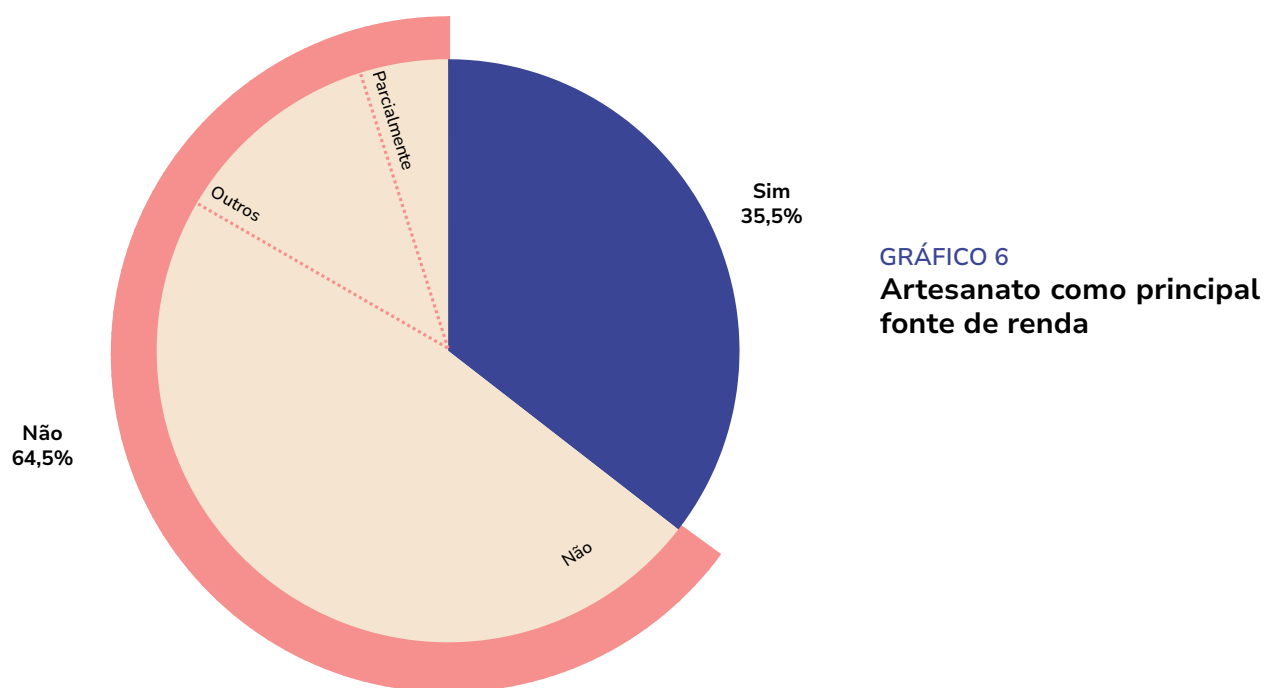
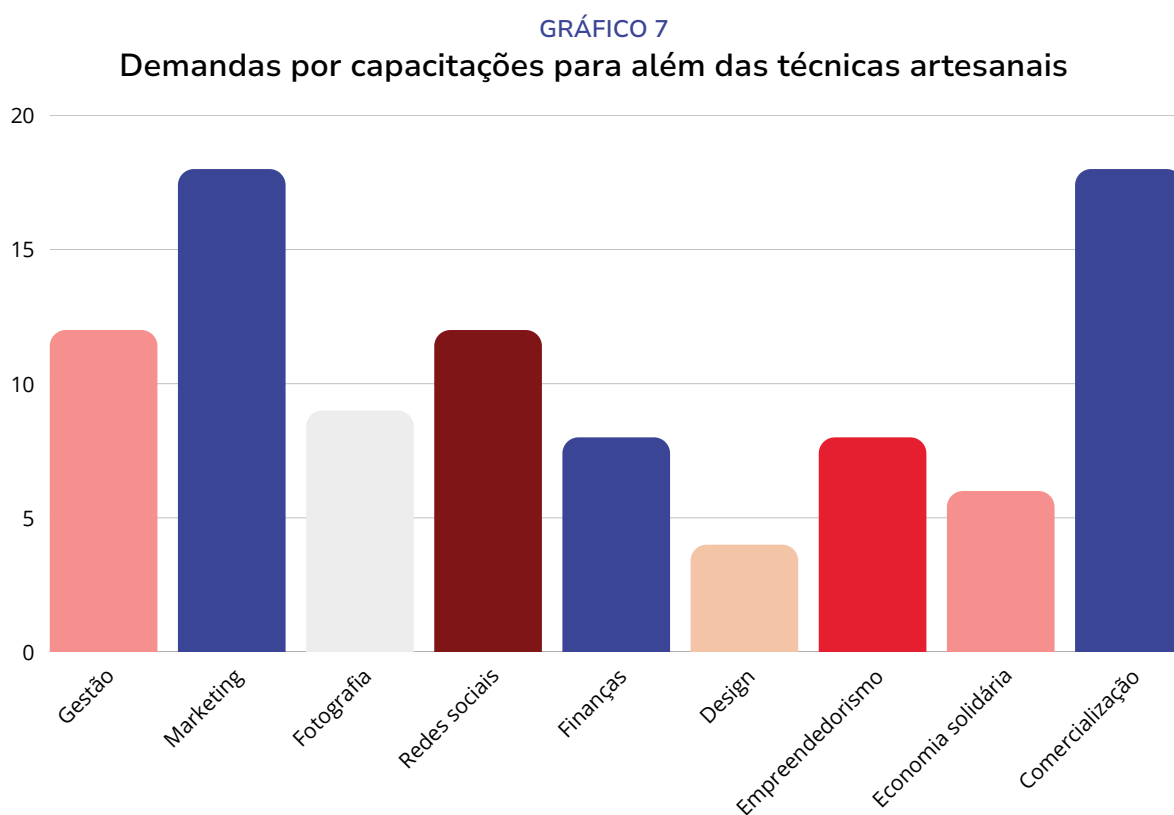


Fig 13. Artesã sendo entrevistada na Feira de Economia Popular Solidária



As próprias demandas de formação ajudam a compreender onde se concentram alguns desses desafios. Quando perguntadas sobre as formações que consideram mais importantes, **58,1%** das participantes apontaram comercialização e marketing, seguidos por gestão e redes sociais (**38,7% cada**), fotografia (**29%**), finanças e empreendedorismo (**25,8% cada**).



Os dados sugerem, portanto, um público que reúne conhecimentos e experiências de produção, mas encontra dificuldades para ampliar a circulação, a visibilidade e a sustentabilidade econômica. Assim, o desenvolvimento técnico e criativo precisa caminhar junto ao fortalecimento das condições de empreendedorismo, design, comunicação e gestão. É justamente nessa articulação que o artesanato pode ampliar sua participação e adentrar os circuitos da economia criativa.

A comunicação oferece um exemplo significativo. Embora **90,3%** das participantes já utilizem redes sociais para divulgar seus trabalhos, marketing e redes sociais permanecem entre os temas de formação mais demandados. O desafio parece estar, portanto, menos no acesso a essas ferramentas do que na possibilidade de utilizá-las de maneira contínua e estratégica, ampliando a visibilidade dos produtos e sua aproximação com novos públicos.

Se a produção acontece principalmente de maneira individual, familiar e dentro de casa, a circulação ganha uma dimensão coletiva importante. As feiras são utilizadas como canal de comercialização por **93,5%** das participantes, seguidas pelas encomendas (**67,7%**) e pelas redes sociais (**51,6%**).

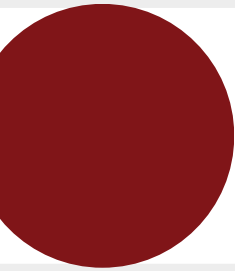
Com efeito, a Associação Solidariarte e a feira por ela promovida contribuem para conectar produtoras, público e cidade, ampliando a circulação dos produtos e a inserção dos fazeres artesanais no circuito cultural local. Essa centralidade apareceu também no Mapa Criativo, elaborado durante o encontro de escuta ampliada, no qual o local da feira foi assinalado pelas participantes com uma seta acompanhada de um desejo: "Que a feira da Solidariarte se torne um ponto fixo, permanente."

"Estamos tentando aprovar uma lei no município para que o espaço atual da feira se torne oficialmente um Centro Público de Economia Popular Solidária, além da aprovação da Lei Municipal de Economia Solidária, para que essas iniciativas sejam fortalecidas e o espaço fique realmente nas mãos dos empreendedores e das empreendedoras."

ELAINE DE ANDRADE, AGENTE TERRITORIAL DA EPS E
COORDENADORA DO FÓRUM REGIONAL DO MÉDIO
PIRACICABA DE EPS, PRODUTORA CULTURAL, ARTESÃ E
VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO SOLIDARIARTE

"A feira trouxe o povo para dentro da roda, porque eles estavam muito de fora, não tinham lugar para eles. Agora que já temos o espaço da feira, acho que isso deu uma outra conotação, inclusive para a visibilidade dos trabalhos manuais que são feitos e que ficavam um pouco escondidos, fora da roda. A feira, eu acho, é o lugar para essa articulação entre grupos, organizações e pessoas."

VALDETE ROZA, TESOUREIRA DA ATLMARJOM -
ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA E
MATÉRIAS RECICLÁVEIS DE JOÃO MONLEVADE



A feira, portanto, tem uma relevância que não se resume a sua função comercial. Ela constitui também um espaço de encontro e visibilidade para as iniciativas do artesanato, revelando uma potência de articulação coletiva que atravessa o artesanato local, e que contribui para o fortalecimento da economia criativa no território.

Para compreender um pouco o outro lado da equação, o olhar de quem frequenta e consome na feira, foi aplicado um formulário socioeconômico ao público, com participação de 10 pessoas, em sua maioria mulheres entre 19 e 69 anos, residentes e trabalhadoras de João Monlevade. A feira, frequentada com regularidade pelas entrevistadas, é conhecida principalmente por meio de familiares e do boca a boca. O dado revela a força das redes de proximidade e de comunidade para a circulação do artesanato, mas aponta também para a oportunidade de ampliar estratégias de comunicação e divulgação, alcançando novos públicos e fortalecendo a presença da feira na cidade.

A gastronomia aparece como o principal interesse de consumo, associado ao ambiente de lazer da feira. Quando há a aquisição do artesanato, a qualidade, o preço e o pertencimento à produção local aparecem como fatores importantes na decisão de compra. Assim, embora o consumo de peças artesanais ainda seja reduzido entre as pessoas entrevistadas, a totalidade delas reconhece e defende a importância da valorização dos artesãos locais, associando esses saberes à cultura, à tradição e à identidade de João Monlevade.

“Eu acho que um dos nossos grandes desafios é conseguir trabalhar a música, a arte, a cultura, a literatura, a gastronomia, mas também dar ao artesanato o lugar que ele merece. Fazer com que o artesanato seja visto, reconhecido e valorizado pela população de João Monlevade. Porque quando a pessoa compra uma peça artesanal, ela não está comprando só um produto. Ela está valorizando um saber, uma história, o trabalho e a renda de uma pessoa. Então, a gente precisa fazer com que a comunidade conheça mais os nossos artesãos, valorize o que é produzido aqui e abrace o artesanato local como parte da nossa cultura e da nossa identidade.”

ELAINE DE ANDRADE, AGENTE TERRITORIAL DA EPS E COORDENADORA DO FÓRUM REGIONAL DO MÉDIO PIRACICABA DE EPS, PRODUTORA CULTURAL, ARTESÃ E VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO SOLIDARIARTE

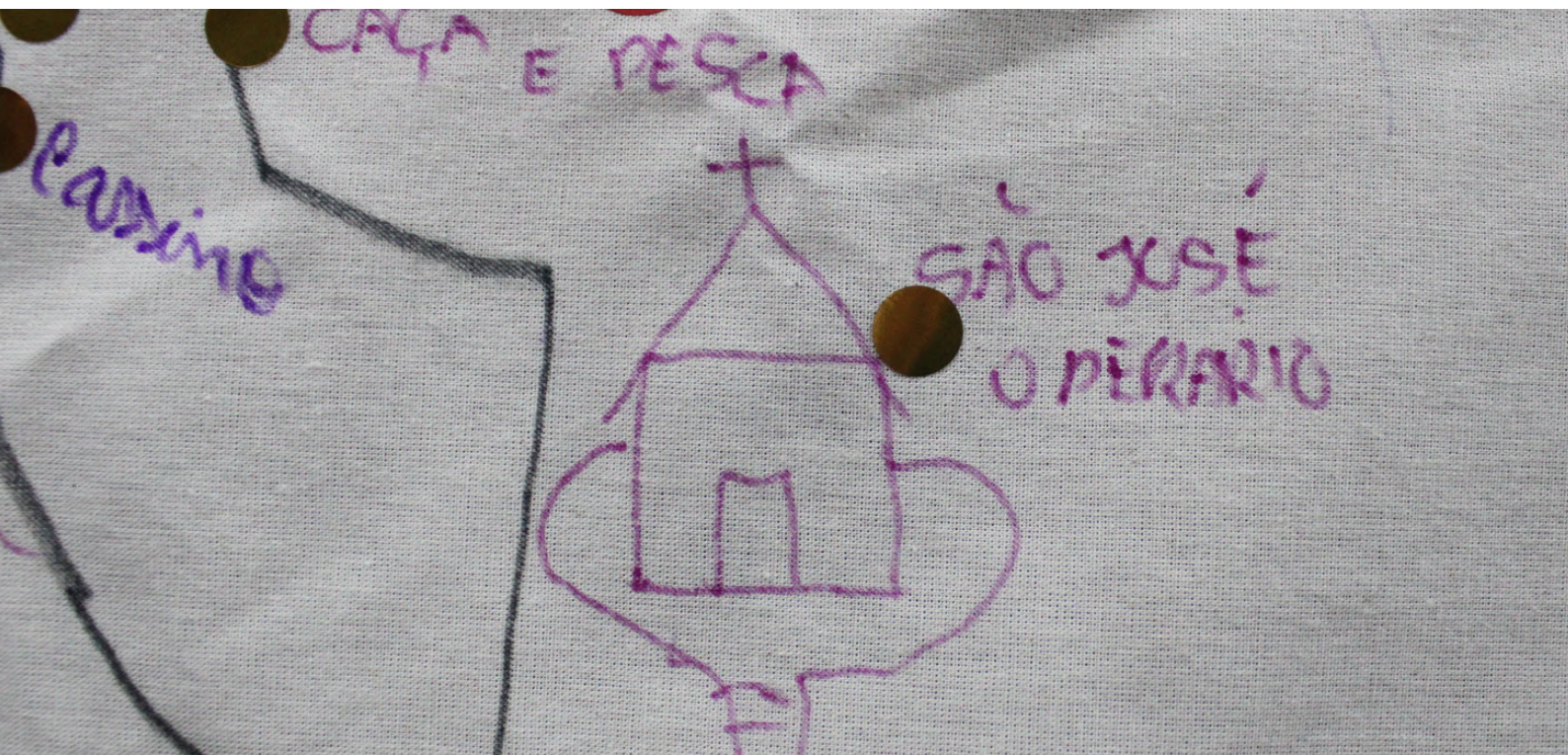


Fig 14. Detalhe do Mapa Criativo de João Monlevade

Mas quais elementos dessa identidade local chegam, hoje, aos produtos artesanais? Quando perguntamos sobre referências associadas à identidade local, apareceram elementos como o Solar Monlevade, a Igreja de São José Operário (identificada também no Mapa Criativo, Figura 14), a siderurgia e outros patrimônios e símbolos. Entretanto, quando a pergunta se deslocou para qual produto artesanal poderia representar João Monlevade, as respostas se tornaram diversas. Apareceram diferentes técnicas, materiais e referências, enquanto cerca de **40%** das participantes não conseguiu identificar um produto artesanal representativo da cidade.

Mais do que a carência de identidade, esse fator aponta para uma identidade ainda aberta e em construção. João Monlevade possui uma produção artesanal diversa, sustentada por diferentes conhecimentos e trajetórias, mas não parece haver uma linguagem amplamente compartilhada e singularizada, que conecte esses fazeres a uma imagem reconhecível do território.

Essa abertura plural, portanto, pode ser tomada como potência. Que referências, materiais e saberes poderiam aproximar a produção artesanal das memórias e da identidade de João Monlevade? E como fazer isso em sintonia com a diversidade de práticas que existe na cidade? São perguntas que nos moveram a olhar mais de perto para as condições artesanais existentes e para os caminhos que podem ser construídos a partir delas.



Desafios e potencialidades

O fazer artesanal está presente na cidade há décadas, atravessando diferentes gerações e trajetórias da população. Como vimos, o diagnóstico revela uma produção plural, que reúne diferentes técnicas, materiais e modos de fazer. Essa diversidade constitui uma das riquezas do território e, ao mesmo tempo, revela uma identidade artesanal ainda aberta e em construção, na qual diferentes linguagens podem coexistir e estabelecer novas relações com as memórias, os recursos e as referências da cidade.

A escuta da comunidade permitiu identificar também desafios que atravessam a continuidade e a sustentabilidade dessas práticas, mas, sobretudo, potências a partir das quais novos caminhos podem ser construídos. São questões relacionadas à articulação entre agentes, à transmissão de saberes, às condições de produção e geração de renda, à sustentabilidade das ações, à valorização do fazer artesanal, à circulação dos produtos e à construção de referências próprias para o artesanato local.

Organizamos esses aspectos em cinco eixos, buscando colocar lado a lado os desafios encontrados e as possibilidades de desenvolvimento apontadas pelo próprio território:

- 1 Continuidade, articulação e transmissão de saberes;**
- 2 Sustentabilidade e organização;**
- 3 Sustentabilidade e organização;**
- 4 Comunicação, circulação e comercialização;**
- 5 Identidade e inovação.**



Continuidade, articulação e transmissão de saberes

A continuidade das práticas culturais passa tanto pelo fortalecimento das redes que as sustentam quanto pela transmissão dos saberes que as constituem.

Nos últimos anos, os avanços no campo cultural de João Monlevade são perceptíveis, acompanhados por uma maior abertura e aproximação entre diferentes agentes do território: poder público, iniciativa privada, artesãs, entidades e comunidade. Ao mesmo tempo, as escutas indicam que esta aproximação ainda ocorre de forma pontual, somada a ausência de espaços de produção comuns e fixos, o que acaba limitando a realização dos processos coletivos de forma continuada.

“Sinto falta de uma comunidade fortalecida, que diga: ‘Vamos juntar todo mundo, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo’. Sinto falta dessa articulação e também de um espaço comunitário fixo para nos encontrarmos e produzirmos juntos.”

LIZI BARCELOS, SERVIDORA PUBLICA UFOP/ICEA,
TERAPEUTA INTEGRATIVA E AMAD - INTEGRANTE DA
ASSOCIAÇÃO MONLEVADENSE DE AFRODESCENDENTES

A diversidade de saberes e manifestações encontrada no território reforça a importância dessa articulação, pois a conexão entre diferentes saberes, agentes e iniciativas pode ampliar suas capacidades de incidência no território. Os próprios caminhos de aprendizagem das pessoas participantes revelam diferentes formas de circulação do conhecimento. Entre as respondentes, **71%** mencionaram cursos como parte de sua formação, **48,4%** aprenderam com familiares e **41,9%** com processos autodidatas. Como as alternativas podiam ser combinadas, esses modos de transmissão se entrecruzam.

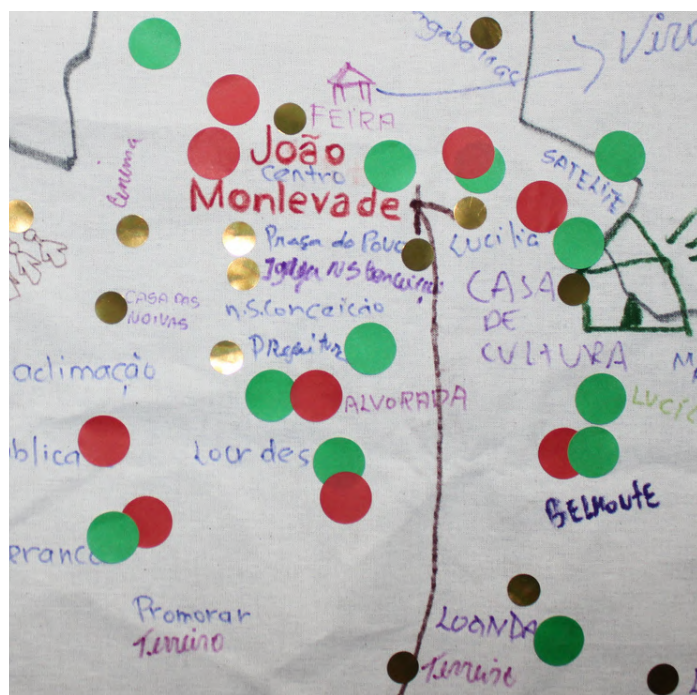
Tradição e renovação, portanto, não aparecem como caminhos opostos. Os saberes transmitidos entre gerações convivem com cursos, experimentações individuais e trocas coletivas, mantendo o fazer artesanal em contínua transformação.

Essa troca é muito importante, essa troca entre o idoso, a meia idade e os adolescentes. Eu acho que integrar esses três perfis é interessantíssimo, e é cada vez fica mais difícil integrar essas três gerações. A geração atual não tem tanto interesse de estar participado, mas eu vejo um esforço muito grande para se preservar esses grupos, e desejo essa vontade, esse esforço, no sentido de estar preservando essa raiz”

MÁRCIA DOS ANJOS, ATELIÊ MARCIA DOS ANJOS

Nas manifestações culturais tradicionais, contudo, as escutas apontaram dificuldades para assegurar a continuidade de suas práticas, especialmente diante da escassez de recursos e dos desafios para envolver as juventudes. Esse cenário aponta para a importância de ampliar as oportunidades de formação, encontro e troca, aproximando diferentes sujeitos e gerações, com seus saberes e repertórios próprios, para a construção conjunta de novos caminhos. Assim, fortalecer espaços de troca entre gerações, grupos e agentes pode contribuir para que esses conhecimentos não apenas sejam preservados, mas permaneçam vivos e se atualizem no diálogo entre o antigo e o novo.

Fig 15 e 16. Detalhe do Mapa Criativo de João Monlevade



Sustentabilidade e organização

Como mencionamos antes, o mapeamento e o formulário mostraram uma considerável sobreposição entre os espaços de moradia e trabalho (vide Figuras 15 e 16, na página anterior), indicando a proximidade entre a vida cotidiana e o fazer artístico das pessoas envolvidas no diagnóstico. O artesanato é realizado principalmente de forma individual, por **67,7%** das participantes, ou junto à família, por **45,1%**.

GRÁFICO 8

Como realiza a produção artesanal

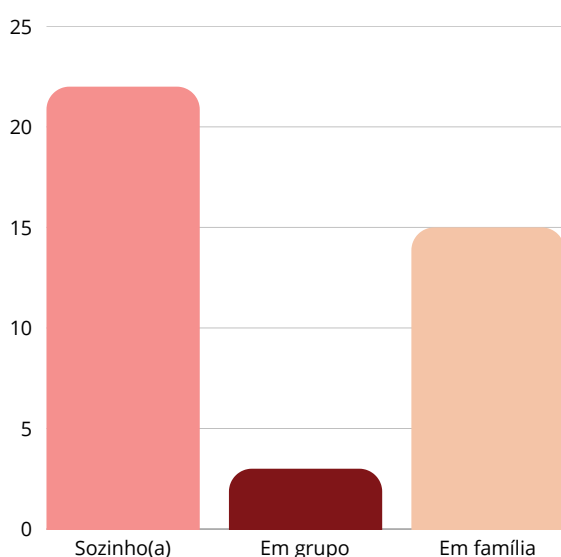
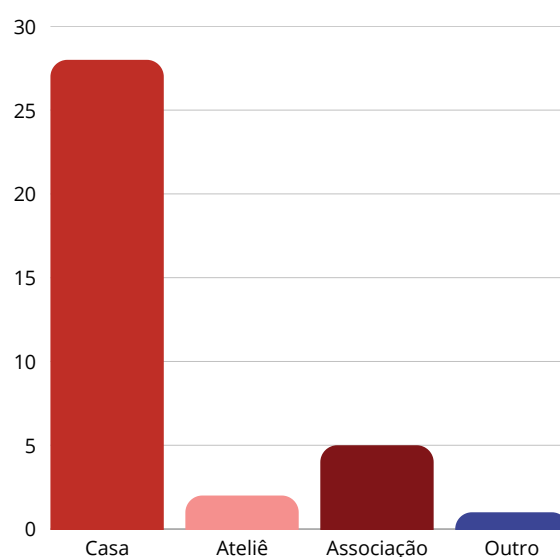


GRÁFICO 9

Onde realiza a produção artesanal



A questão permitia a seleção de mais de uma alternativa. Por isso, o número total de respostas não corresponde necessariamente ao número de participantes.

Entre as mulheres, o artesanato muitas vezes surge como complemento à renda familiar ou como uma alternativa de trabalho que permite maior proximidade com a casa, os filhos e outras atividades da economia do cuidado. Assim, os fazeres artesanais se entrelaçam às trajetórias pessoais, às relações familiares e às diferentes formas de organização da vida cotidiana.

Ao mesmo tempo em que essa produção individual e doméstica se destaca, espaços como a Associação Solidariarte e sua feira demonstram a importância que a organização comunitária pode assumir. Nesse sentido, as participantes manifestaram interesse em fortalecer experiências coletivas em torno de produtos comuns ou complementares, com uma cadeia produtiva que permita a participação de diferentes artesãs e artesãos, e que favoreça a compra compartilhada de insumos, o escoamento da produção e a ampliação da geração de renda fixa.

A sustentabilidade da produção passa também pela relação com os materiais disponíveis no território, em práticas de reaproveitamento que já fazem parte do repertório das pessoas participantes (pelo menos 12 mencionaram, no formulário, a utilização de materiais reutilizados, reciclados ou provenientes de descarte, como vidro, madeira, tecidos, jeans, garrafas PET e papelão). Reverbera, assim, o desejo e o potencial para aproximar o artesanato desses processos, ressignificando materiais que seriam descartados. Nas escutas, foram mencionadas inclusive possibilidades de utilização de aço, plásticos, banners publicitários e móveis descartados, que chegam à Cooperativa Atlimarjom.

Essas experiências apontam para uma aproximação possível entre o fazer artesanal e os princípios da economia circular, compondo ciclos criativos de uso e transformação. Nesse sentido, o desafio não é introduzir uma prática inteiramente nova, mas reconhecer, conectar e ampliar experiências que existem, investigando novas relações entre os recursos disponíveis, os conhecimentos de quem faz e as características do território.

Fortalecer a sustentabilidade do artesanato local envolve, assim, duas dimensões que podem caminhar juntas: ampliar as formas de cooperação entre as pessoas e explorar de maneira criativa os recursos e materiais disponíveis. Para isso, tornam-se importantes conhecimentos e ferramentas que apoiem artesãs e artesãos na organização de seus processos produtivos, na gestão compartilhada de recursos e no desenvolvimento de estratégias capazes de fortalecer tanto iniciativas individuais quanto coletivas.

A Atlimarjom (Associação dos Trabalhadores de Limpeza e Matérias Recicláveis de João Monlevade) é uma associação de catadores e recicladores localizada no município de João Monlevade, em Minas Gerais.
Contato: (31) 38511813 - (31)987640181
atlimarjom.catavales@hotmail.com
Instagram: [@atlimarjom_reciclagem_jm](#)



Qualificação e valorização do fazer artesanal

Outro aspecto identificado no diagnóstico diz respeito à valorização do artesanato enquanto trabalho, atividade criativa e possibilidade de geração de renda. As escutas apontaram dificuldades para que os fazeres artesanais sejam reconhecidos e compreendidos para além de uma atividade complementar ou de lazer, ao mesmo tempo em que revelaram o interesse das pessoas participantes em desenvolver novas técnicas e caminhos de atuação profissional.

“Já ouvi gente dizer que artesanato não é cultura. Para mim, hoje, esse é um desafio muito grande: como conseguir essa valorização? Como fazer com que a população de Monlevade, com que a comunidade, possa abraçar esse artesanato local e essa feira? Que ela veja aquele espaço como um espaço de cultura, de aprendizado, onde você vai encontrar valorização, saber e trocas.”

ELAINE DE ANDRADE, AGENTE TERRITORIAL DA EPS E
COORDENADORA DO FÓRUM REGIONAL DO MÉDIO
PIRACICABA DE EPS, PRODUTORA CULTURAL, ARTESÃ E
VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO SOLIDARTTE

Essa relação entre fazer artesanal e trabalho também aparece nos dados: embora **48,4%** das pessoas participantes considerem o artesanato sua principal atividade profissional, apenas **35,5%** afirmam que ele é sua principal fonte de renda. Essa diferença evidencia que a dedicação profissional ao fazer artesanal nem sempre encontra correspondência em sua capacidade de geração de renda, reforçando os desafios relacionados à valorização, à circulação e à comercialização da produção local.

O diagnóstico revelou também o interesse das pessoas participantes em realizar qualificações especializadas para aprimorar saberes e descobrir novos repertórios. Nesse sentido, as formações em artesanato podem constituir espaços cruciais para o desenvolvimento dos potenciais do território, por meio de experimentação artística, interação coletiva e aprofundamento técnico. Partindo dos conhecimentos que as participantes já possuem, tais processos podem estimular seu compartilhamento, sua renovação e sua ampliação.

Ao lado do interesse em desenvolver uma cadeia de produção coletiva, permanece o desejo de preservar os processos criativos individuais. Assim, as qualificações podem atuar, simultaneamente, no favorecimento das redes de trocas e produção conjunta, e no fortalecimento da autonomia de cada artesã para desenvolver sua própria linguagem criativa.



Comunicação, circulação e comercialização

A comunicação, a circulação e a comercialização aparecem como pontos cruciais para o fortalecimento do setor. A Feira da Economia Popular Solidária ocupa um lugar central nesse circuito: **93,5%** das pessoas participantes indicam a feira como principal forma de comercialização de seus produtos, enquanto **90,3%** utilizam as redes sociais para divulgar o trabalho. Ao mesmo tempo, a comercialização aparece como a principal dificuldade para **35%** das participantes, seguida pela comunicação, indicada por **13%**.

Os números revelam, portanto, que o desafio não está apenas na existência de canais de divulgação e venda, mas na capacidade de ampliar seu alcance e utilizá-los de maneira contínua e estratégica. A forte presença nas redes sociais entre as pessoas participantes, por exemplo, não elimina a demanda por conhecimentos e ferramentas que contribuam para transformar a comunicação em maior visibilidade e circulação dos produtos.

Do ponto de vista do público, a feira alcança principalmente as redes de proximidade: **60%** das pessoas entrevistadas conheceram a feira por meio de familiares ou do boca a boca (**30%**), enquanto **20%** chegaram até ele pelas redes sociais. Esses dados evidenciam a força das relações comunitárias para a circulação da produção local, mas também apontam para o potencial de alcançar novos públicos para além desses círculos.

A articulação entre produção, circulação e redes locais propicia um terreno fecundo de consolidação da economia criativa e do empreendedorismo comunitário. Nesse terreno, as estratégias de comunicação e comercialização podem ser construídas de forma compartilhada, fortalecendo não apenas os empreendimentos individuais, mas o artesanato local por inteiro, como um circuito coletivo de geração de trabalho e renda no território.

Qualificar a comunicação pode, nesse sentido, contribuir para fortalecer o reconhecimento da produção local, aproximar novos públicos e criar novas oportunidades de circulação e comercialização. Mais do que divulgar produtos, comunicar o artesanato é também tornar visíveis os saberes, os processos, as pessoas e as histórias que existem por trás de cada fazer, contribuindo para que seu valor cultural e simbólico seja reconhecido e possa se refletir também em sua valorização econômica.



Identidade e inovação

João Monlevade reúne um amplo repertório de memórias, símbolos, materiais e saberes reconhecidos pela comunidade. O diagnóstico indica, entretanto, que ainda há espaço para aprofundar as relações entre essas referências e a produção artesanal local, fazendo com que elementos do território possam ganhar novas expressões por meio do fazer artesanal.

Essa questão apareceu de diferentes maneiras ao longo das escutas realizadas para a produção desse diagnóstico. Entre as pessoas participantes, **25%** não souberam indicar um produto artesanal que pudesse representar João Monlevade, enquanto as demais respostas se distribuíram entre diferentes técnicas, materiais e referências. Entre o público entrevistado, **40%** não identificaram elementos específicos que considerassem representativos da cidade. Os dados apontam, por caminhos distintos, para uma identidade que não se encontra condensada em uma única imagem, linguagem ou produção.

Esse cenário não significa ausência de identidade. Ao contrário, como vimos ao longo do diagnóstico, as referências territoriais são numerosas e diversas. O que se apresenta é a oportunidade de estabelecer novas conexões entre elas, criando produtos que dialoguem com João Monlevade sem reduzir sua diversidade a uma única representação.

Nesse sentido, inovação não significa romper com os saberes existentes, mas criar a partir deles, colocar conhecimentos, técnicas e repertórios já presentes na comunidade em diálogo com outros materiais e processos, experimentando novas formas de expressar as memórias, as histórias e as características do território. Uma identidade artesanal pode, assim, ser construída não como uma forma fixa, mas como uma linguagem viva, capaz de reconhecer o que veio antes e, ao mesmo tempo, imaginar aquilo que ainda pode surgir.

“Cultura é o que o povo faz, é os hábitos do povo do lugar, né? Quando eu vejo a cultura, a população tomar consciência do próprio valor que ela tem, do que pertence ao território dela, eu acho que é um trabalho que precisa ser desenvolvido. Tem que partir do coração, é de dentro para fora, né? ”

MÁRCIA DOS ANJOS, ATELIÊ MÁRCIA DOS ANJOS

Os desafios e as potencialidades apresentados nesses cinco eixos evidenciam dimensões que se atravessam e se complementam. O desenvolvimento do artesanato local envolve articular pessoas e saberes, criar condições para a continuidade e a sustentabilidade das práticas, ampliar oportunidades de formação, fortalecer a comunicação e a circulação e experimentar novas relações entre a produção artesanal e as referências do território.

Mais do que criar uma vocação para João Monlevade, é importante reconhecer e impulsionar aquilo que o território já possui, aproximando conhecimentos, pessoas, matérias e referências que nem sempre se encontram. Nesse processo, memória e invenção podem caminhar juntas, fazendo da criação uma forma de fortalecer vínculos, produzir cultura e ampliar oportunidades de trabalho e renda.

Esse movimento abre também caminhos para uma economia criativa e circular, na qual os saberes e repertórios locais podem encontrar novas aplicações, enquanto os materiais e recursos disponíveis podem ganhar novos usos e ser reinseridos em outros ciclos de produção. Foi a partir dessas pistas, e das contribuições das próprias pessoas que participaram do diagnóstico, que buscamos identificar uma linguagem e uma matéria capazes de articular as referências locais a novas possibilidades de criação, produção e geração de renda para o artesanato de João Monlevade.



A linguagem artesanal

Ao longo do diagnóstico, buscamos mapear e compreender quais saberes, materiais e referências apresentavam potencialidades econômicas, criativas e simbólicas para João Monlevade, de forma a orientar a construção do ciclo formativo proposto no projeto Territórios Criativos.

Ao longo do processo, diferentes linguagens e matérias foram identificadas, e cada uma delas estabelece relações particulares com os modos de vida no território. Foi em busca dessas marcas singulares e múltiplas que procuramos escutar as pessoas que constroem cotidianamente a cidade. À medida que as ouvimos, enquanto compartilhavam suas memórias e experiências, percebemos que um mesmo fio atravessava boa parte dessas narrativas. Esse fio nos levava à usina e à siderurgia.

O **aço** aparecia nos caminhos profissionais, na vida cotidiana, na relação com a cidade e até na maneira como alguns moradores narravam seu nascimento. Sua recorrência chama a atenção justamente por fazer convergir diferentes camadas da história e da experiência de João Monlevade.

As respostas ao formulário socioeconômico já ofereceram uma pista nessa direção. Em meio a ideias diversas sobre produtos que poderiam representar João Monlevade, algumas das pessoas participantes mencionaram espontaneamente referências ligadas à história mineral e siderúrgica, como minério, ferro e fio-máquina. Nas entrevistas e no encontro de escuta ampliada, essa associação reapareceu e ganhou força.

A relação entre João Monlevade e o aço, como pudemos perceber, não se resume à presença da indústria como um elemento isolado na cidade. A siderurgia atravessou a formação econômica, urbana e social do município e marcou trajetórias de trabalho, relações familiares, modos de vida e memórias de diferentes gerações. Ao redor desse eixo industrial se formaram bairros, redes de convivência, festas, associações e outras práticas culturais que constituem a vida da cidade.

Nesse sentido, a própria imagem da forja pode adquirir um significado ampliado. Forjar não é apenas transformar o metal pelo fogo e pelo trabalho: uma cidade e uma comunidade também se forjam no encontro entre pessoas, nas histórias transmitidas, nos conhecimentos acumulados e nas maneiras sempre renovadas de imaginar o futuro.



É nessa trama de relações que o aço emergiu como uma matéria-prima especialmente potente para orientar o ciclo formativo do projeto. Sua força não está apenas em remeter à história siderúrgica, mas na possibilidade de colocar essa referência em diálogo com os saberes artesanais e criativos existentes no território. Mais do que reproduzir uma imagem já conhecida da cidade, trata-se de experimentar outras maneiras de significá-la.

Essa associação ganhou especial força durante o encontro de escuta ampliada. Em uma das dinâmicas, as participantes foram divididas em quatro grupos para imaginar uma personificação da cidade e pensar perspectivas e desejos para o futuro do artesanato e da identidade local. Embora tenham trabalhado separadamente, todos os grupos trouxeram referências relacionadas ao aço, associando-o, de diferentes maneiras, às possibilidades de criação e à construção de uma linguagem artesanal vinculada a João Monlevade. A convergência chamou atenção por surgir de forma recorrente nos diferentes grupos.

“Nós somos uma cidade que é a capital mundial do aço, por excelência! (...) Gostaríamos de ser a capital mundial do artesanato em aço. Artesanato como brinco, com pingentes. Sempre lembramos do artesanato com algum ponto específico voltado para o aço.”

LIZI BARCELOS, SERVIDORA PÚBLICA UFOP/ICEA,
TERAPEUTA INTEGRATIVA E AMAD - INTEGRANTE DA
ASSOCIAÇÃO MONLEVADENSE DE AFRODESCENDENTES

O relato de Lizi Barcelos, no momento de partilha das reflexões coletivas realizadas durante o encontro de escuta ampliada, demonstra que falar do aço em João Monlevade é falar de indústria, mas também de trabalho, técnica, memória, criação e pertencimento. É reconhecer as transformações do território e de suas memórias ao longo do tempo, sem deixar de perguntar: **quais novos sentidos e possibilidades podem ser criados pelas mãos de quem vive aqui hoje?**

A escolha do aço não pressupõe uma única linguagem para o artesanato de João Monlevade. Ao contrário, ela parte da multiplicidade de histórias, técnicas e referências identificadas no território e propõe investigar, a partir de uma matéria-prima fortemente associada à formação e à memória do município, quais novas possibilidades podem surgir, quando essa referência é deslocada da escala industrial para o fazer artesanal.

Mais do que chegar a uma forma ou produto previamente definido, abre-se um campo instigante de experimentação. É nesse sentido que o aço será levado ao ciclo formativo: como matéria-prima e ponto de partida para a criação, colocando em diálogo técnica, memória e identidade cultural, e inaugurando novas possibilidades de produção, circulação e empreendedorismo.

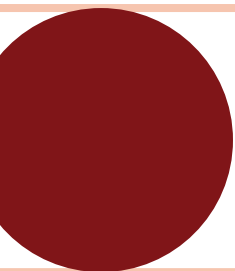
Fig 17. Exemplo de artesanato já produzido em João Monlevade, encontrado na Feira de Economia Popular Solidária



Ciclo Formativo

O **Diagnóstico do Artesanato de João Monlevade** constitui a primeira etapa do **Territórios Criativos**. A partir do reconhecimento dos fazeres já existentes em João Monlevade e dos desafios e potencialidades identificados ao longo da pesquisa, o projeto avança agora para um ciclo formativo voltado ao fortalecimento do artesanato e do empreendedorismo criativo e comunitário no município.

As escutas realizadas apontaram questões que atravessam o cotidiano das pessoas participantes, como os desafios de comercialização e divulgação, o acesso a matérias-primas, a valorização da produção local e a geração de renda. Ao mesmo tempo, revelaram o interesse em ampliar repertórios e conhecimentos técnicos, fortalecer experiências coletivas e experimentar novas possibilidades de criação, sem perder a autonomia e a expressão individual de cada participante.



Todos esses elementos reverberam no ciclo formativo proposto pelo projeto. O percurso articulará formação técnica em artesanato, empreendedorismo comunitário, design e comunicação, buscando aproximar a criação artística, a organização produtiva e a circulação dos produtos.

A proposta parte dos conhecimentos que as pessoas participantes já possuem e cria um espaço para sua troca e ampliação, por meio da experimentação com técnicas, materiais e processos de criação. Ao longo desse percurso, o projeto pretende também favorecer a colaboração entre participantes, bem como a construção de possibilidades compartilhadas de produção e geração de renda. Nesse sentido, a formação busca explorar caminhos relacionados à economia criativa e, sempre que possível, à economia circular, articulando sustentabilidade, criação, trabalho, cooperação e atenção aos recursos disponíveis no território.

Como vimos, entre as diferentes referências identificadas pelo diagnóstico, o **aço** foi escolhido como matéria-prima para a **formação técnica**, por sua forte relação com a história, a memória e a identidade de João Monlevade e pelas possibilidades ainda pouco exploradas de sua utilização no fazer artesanal. As técnicas e abordagens a serem desenvolvidas serão detalhadas na etapa inicial do curso, priorizando possibilidades de trabalho artesanal com o aço que favoreçam a experimentação. A proposta é explorar o material para além de sua dimensão industrial, aproximando-o dos saberes e processos criativos das participantes, e também das vivências que elas já carregam.

A formação em **empreendedorismo comunitário**, por sua vez, abordará conteúdos relacionados à gestão, precificação, logística e comercialização, considerando as possibilidades de cooperação e organização coletiva identificadas durante o processo formativo. Já os conteúdos de **design e comunicação** estarão voltados à qualificação da apresentação dos produtos e empreendimentos, à construção de identidade visual e ao desenvolvimento de estratégias de divulgação e circulação.

“Nosso desejo é encontrar um material e um produto que a gente possa trabalhar de forma coletiva, mas que cada um possa colocar o seu dom, sua identidade, e aprender alguma coisa, e em que seja possível realmente dar um retorno financeiro para as pessoas.”

ELAINE DE ANDRADE, AGENTE TERRITORIAL DA EPS E COORDENADORA DO FÓRUM REGIONAL DO MÉDIO PIRACICABA DE EPS, PRODUTORA CULTURAL, ARTESÃ E VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO SOLIDARIARTE

O ciclo formativo não pretende estabelecer uma forma única de produzir artesanato em João Monlevade. Seu propósito é criar condições para que saberes, pessoas, materiais e referências se encontrem, favorecendo os movimentos criativos e fortalecendo as perspectivas de organização coletiva. O diagnóstico encerra sua etapa justamente onde outra se inicia, com as possibilidades que poderão ser agora experimentadas pelas mãos de quem vive, produz e transforma cotidianamente o território do município.

Os desafios identificados ao longo do diagnóstico convivem com um conjunto igualmente expressivo de potências. Elas estão nas pessoas e nos grupos, nos saberes acumulados, nas redes de colaboração, nas referências culturais e nos materiais e recursos disponíveis. É da articulação entre essas forças pulsantes que um território criativo pode ganhar forma e crescer.



Agradecimentos

Gostaríamos de registrar nosso agradecimento a todas as pessoas, grupos e instituições que contribuíram para a construção desta trajetória: à Elaine, Márcia e a todas as mulheres da Associação Solidariarte; à Nadja, ao Gilberto e à Adriana, da Fundação Casa de Cultura; à Valdete e à Giovanna, da Cooperativa Atlimarjom; à Lizi, da AMAD; à Lillian e Eduarda, do Coletivo Fashion JM; à Guarda de Marujo Nossa Senhora do Rosário de João Monlevade; à Família Alcântara; e ao Zé Fileto, que realizou com tanto cuidado o transporte da equipe do projeto durante as atividades em João Monlevade.

Nosso agradecimento se estende, ainda, a todas as pessoas que gentilmente nos receberam, abriram suas portas e compartilharam conosco suas histórias, memórias, experiências e saberes. Cada encontro e cada contribuição foram fundamentais para enriquecer este percurso e ampliar nosso olhar sobre as vocações, os fazeres e as potências do território de João Monlevade.

Fig 18. Equipe Territórios Criativos e Solidariarte reunidas na Feira de Economia Popular Solidária



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto nº 12.082, de 27 de junho de 2024. Institui a Estratégia Nacional de Economia Circular. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 28 jun. 2024. Disponível em: [Presidência da República - Decreto nº 12.082/2024](#). Acesso em: 28 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Economia Criativa. *Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011–2014*. 2. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2011. 156 p. Disponível em: [Plano da Secretaria da Economia Criativa](#). Acesso em: 28 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Cultura. “Entenda como a criatividade e a cultura podem impulsionar a geração de trabalho e renda”. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 4 ago. 2026. Disponível em: [Ministério da Cultura](#). Acesso em: 28 ago. 2026.

BRAZ, Erivelton. *Entre linhas: crônicas, histórias e memórias de Monlevade*. João Monlevade: Edição do Autor, 2024.

DAMASCENO, Gabriella de Souza; ROMERO, Sérgio Luiz Gusmão Gimenés. “Como se forjam heróis: o avesso da memória oficial sobre os primórdios da cidade de João Monlevade/MG”. In: *XVI Encontro de História da ANPUH-MS e XX Semana de História da UEMS*. Amambai, MS: Ed. dos Autores, 2022. v. 1, p. 303–311.

JOÃO MONLEVADE (MG). Prefeitura Municipal. “História de João Monlevade”. João Monlevade, 20 jun. 2011. Disponível em: [Prefeitura Municipal de João Monlevade](#). Acesso em: 25 ago. 2026.

ROMERO, Sérgio Luiz Gusmão Gimenés. “Memória(s) e identidade: a história de João Monlevade / Minas Gerais escovada a contrapelo”. In: *Patrimônio e Memória* (Unesp), v. 18, n. 1, p. 440–465, jan./jun. 2022.

RODRIGUES, Josiene de Oliveira Chaves. *Desenvolvimento local e o sentimento de pertença dos cidadãos de João Monlevade em face de uma grande indústria de base*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Ouro Preto, João Monlevade, 2024.

SILVA, Romário Nunes; FERREIRA, Rafael Otávio Fares. “O anteprojeto da Vila Operária de João Monlevade - MG e as ideias do arquiteto Lúcio Costa”. In: *Revista Engenharia de Interesse Social*, v. 6, n. 8, p. 1–22, jul./dez. 2021.

PATROCÍNIO



PARCERIA



REALIZAÇÃO

